

Mitoforias Contemporâneas: a reinvenção da Virgem por coletivos de artistas feministas

Aline Miklos

Doutoranda na área de história da arte, em cotutela entre a École des Hautes Études en Sciences Sociales e a Universidade de São Paulo. Membro do Centre de Recherches sur les arts et le langage (CRAL-EHESS) e do comitê científico da Revue Artelogie. Suas investigações estão centradas nos seguintes temas: gênero, colonialidade, cristianismo e desobediência dos corpos na arte contemporânea.

Resumo. A arte feminista, desde sua origem, preocupou-se em subverter os mitos do que seria o feminino. Por isso, muitas artistas trabalharam com o tema da domesticidade, da religião e da violência em relação às mulheres. Estas obras procuraram desafiar os limites do discurso, da moral e do permitido, inventando assim novas categorias do possível. Para isso, através da paródia, do riso e do escárnio, apropriaram-se desses mitos, desmistificando-os e remistificando-os ao mesmo tempo. Neste artigo, analisaremos como alguns coletivos feministas subverteram o mito da Virgem Maria e criaram suas próprias Virgens.

Palavras-chaves. Mitos, Virgem Maria, arte e religião, coletivos de artistas, feminismo.

Contemporary Mitoforias: the reinvention of the Virgin by collective feminist artists

Abstract. The feminist art, since its origin, has been concerned with subverting the myths of what the female would be. This is why many artists worked with the theme of domesticity, religion and violence against women. These works seek to play with the limits of speech, morality and the allowed, for the purpose of inventing the new categories of possible. Through parody, laughter and mockery they have appropriated these myths, demystify and remystify them at the same time. This article analyzes how some feminist collective subverted the myth of the Virgin Mary and created their own virgin.

Keywords. Myths, Virgin Mary, art and religion, collective of artists, feminism.



As religiões sempre estiveram em pauta entre os movimentos feministas que surgiram a partir da segunda metade do século XX. Não se pode dizer que ocupavam os centros das atenções, mas se pode afirmar que uma boa parte das feministas tiveram a preocupação em associá-las ao sistema patriarcal e ao controle dos corpos femininos. Por isso, observamos que a religião – da mesma forma que o modelo de casamento e de maternidade propostos às mulheres – deixou de ser vista como um meio de realização e passou a fazer parte do universo de angústias e desilusões que levaram um imenso grupo a questionar os valores e a moral vigente. Simone de Beauvoir narra com destreza esta decepção feminina em seu livro *Anne, quand prime le spirituel*. Apesar de ter sido publicado pela primeira vez em 1979, a autora afirma que o escreveu em sua juventude e que o manuscrito tem uma estreita relação com suas experiências pessoais.

Coloquei muito de mim nesta obra. Eu estava em rebelião contra o espiritualismo que me oprimiu durante vários anos e queria expressar esta repugnância através da história de mulheres jovens que eu conhecia e que, umas mais, outras menos, tinham aceitado ser suas vítimas. Eu me interessava pela má fé que me parecia – e todavia me parece – inseparável de tudo isto. Me propus então a difícil tarefa de fazer com que sejam ouvidas as vozes – e os silêncios – da mentira. [Tradução da autora] (BEAUVOIR, 1980, p. 07)

Nos Estados Unidos, Betty Friedan também observa essa desilusão em relação à religião e afirma que ela gerou fortes reações da parte de membros da Igreja Católica e das Igrejas Evangélicas. Curas e jornalistas classificaram, em diversas ocasiões, as ações feministas de “blasfemas”, além de pastores evangélicos que interromperam as reuniões do movimento para recitar passagens da Bíblia onde as mulheres apareciam como seres naturalmente inferiores e submissos (1971, p. 76).

No entanto, essa desilusão não abriu brechas somente para o ateísmo, mas também para a busca de novas espiritualidades e para a formação de movimentos feministas dentro destas religiões monoteístas. Por isto, várias teóricas se dedicaram a escrever sobre o tema, como Julia Kristeva e Luce Irigaray. Além disto, também surgiram, no seio dessas Igrejas, movimentos feministas que não pretendiam necessariamente romper com a religião, como o *Católicas pelo direito de decidir*, que teve sua primeira aparição no início da década de 1970, nos Estados Unidos, e atualmente é um movimento internacional. Mesmo sendo católicas, as integrantes defendem a legalização do aborto e a inclusão de mulheres na hierarquia eclesiástica. Outro exemplo mais recente são as feministas muçulmanas, como Ali Zahir, que acreditam em uma possível renovação do islamismo e pretendem



quebrar determinadas barreiras e condições relacionadas ao feminismo ateu. Assim, esses movimentos são de extrema importância para se pensar em “novos feminismos” a partir de uma perspectiva pluralista.

Nas artes, várias mulheres foram impulsionadas a questionar a função dos mitos religiosos a partir de suas experiências. Ateias ou não, tiveram como objetivo desvelar as associações entre Igreja e Estado na manutenção do patriarcado e desvincular as mulheres de determinadas características consideradas “naturais” de seu “sexo”, como a fragilidade, a compreensão e a submissão. Assim, começaram a aparecer nas artes “virgens” insubmissas, revolucionárias, livres, “putas”, enfim, uma imensa quantidade de virgens que contestam o poder patriarcal. Esse fenômeno nos leva a indagar sobre os “ecos marianos” que existem em nossas sociedades e como eles todavia participam na construção da subjetividade feminina.

Aqui, vale sempre lembrar que, como afirma Luce Irigaray (1974), as leis que definem um país como laico nos dá a sensação de que o tema da religião já está resolvido. No entanto, só podemos dizer que um estado é laico quando realmente existe uma ausência da religião na sociedade (BADER, 2009), o que está longe de acontecer. Apesar de vários intelectuais e artistas terem decretado a morte de Deus, observamos que as instituições religiosas e monoteístas estão em constante crescimento. Quanto às instituições cristãs (PEW RESEARCH CENTER, 2015), que é o que nos concerne neste estudo, tiveram nos últimos anos um crescimento considerável, sobretudo na África subsaariana, na Ásia e na América-latina.

No caso do Brasil, 90,2% da população se diz cristã. Apesar de a maioria ainda ser católica (69%), observamos que as Igrejas evangélicas estão ganhando um poder outrora inimaginável, através do controle de meios de comunicação e de seus representantes na Câmara dos Deputados e no Senado brasileiro. A partir dos anos 1990, estes religiosos começaram a agir de maneira organizada, fundando assim a Frente Parlamentar Evangélica, que hoje conta com quase 90 representantes na Câmara dos Deputados. Como mesmo afirma o movimento, e como podemos verificar em sua página na rede social Facebook, um dos seus principais objetivos é propor leis que ferem diretamente os direitos da mulher e da população LTGB, impondo assim o modelo heteronormativo e patriarcal para a sociedade brasileira. Nesse sentido, diversos projetos de lei que hoje estão tramitando no congresso significam um profundo retrocesso em relação aos direitos humanos, como por exemplo: o projeto de lei que institui o Dia Nacional da Conscientização Antiaborto, proposto pelo deputado federal e pastor evangélico



Marco Feliciano¹; o projeto de lei conhecido como *Escola sem Partido*, proposto pelo senador-pastor evangélico Magno Malta, o qual proíbe a discussão política, reintroduz o ensino religioso não obrigatório, proíbe a discussão sobre gênero nas escolas públicas e ainda permite que alunos homossexuais sejam punidos por suas condutas²; o projeto de lei no 5.069, do deputado-evangélico afastado Eduardo Cunha, que dificulta o atendimento de mulheres vítimas de estupro³.

Na Argentina a situação não é muito diferente. Apesar de ser um país laico, no Art. 2º da Constituição Nacional podemos encontrar a seguinte afirmação “O governo federal mantém o culto católico apostólico romano”. Nesse caso, a palavra “manter” significa garantir, através da Secretaria de culto, os salários de bispos e arcebispos, conforme a lei 21.950 promulgada pelo ditador Jorge Videla em 1979. No mais, segundo a *Coalición Argentina por un Estado Laico* (CAEL), além de a Igreja não pagar impostos, o Estado também financia as ONGs católicas e a manutenção do patrimônio eclesiástico (*Ñoquis son los curas*, 2016)⁴.

Assim, como podemos observar, as parcerias entre Estado e Igreja permanecem no século XXI, e uma das consequências disso é a participação ativa das instituições religiosas nas decisões políticas estatais relacionadas ao corpo e à subjetividade humana. Por isso, discorrer sobre os “ecos marianos” em nossa sociedade não parece um exagero. Esses ecos seriam todos os mitos que se formaram em torno das virgens católicas que serviram (e servem), em alguns lugares mais e em outro menos, como modelos de mulher para o Ocidente. Obviamente, cada mulher, devota ou não, relaciona-se com esses mitos através de sua individualidade de maneira distinta, ao incorporar, dialogar ou recusar definitivamente esses modelos.

Aqui, entendemos a Virgem Maria como uma “personagem exemplar” que carrega consigo todas as “melhores” virtudes de uma mulher. Assim, essa personagem funciona como uma espécie de arquétipo que foi utilizado para construir imagens e bibliografias de várias outras santas. Se observamos, todas elas seguiram mais ou menos os mesmos caminhos (do sofrimento e da espera eterna de seu encontro com Deus) e possuíam praticamente as mesmas virtudes (eram castas, puras e obedientes em geral). Esses arquétipos, carregados de um princípio moral, ainda são usados nos sermões religiosos com o objetivo não só de facilitar a compreensão de algum preceito, mas também de fazer com que essa figura seja “imitada”. A figura da Virgem é tão poderosa e tão presente que se tornou um exemplo que não precisa ser explicado, apenas mencionado.



Nas artes, a imagem da Virgem Maria, e todas as outras que dela derivaram, foi cautelosamente representada nas pinturas religiosas. O cuidado com os seus gestos e o seu corpo eram constantes, pois era necessário representar uma Virgem impregnada de valores e, além disso, uma virgem com imagem de mulher, mas que fosse totalmente desprovida de seu caráter sensual. Assim, por serem consideradas imorais, várias imagens de Virgens foram censuradas ao longo da história, como *A Virgem com o menino Jesus* (1452-1455), de Jean Fouquet e a *Madona de Palafrenieri* (1605-1606) de Michelangelo Caravaggio.

Outra personagem feminina que foi (e continua sendo) bastante utilizada nos discursos religiosos é a de Eva, vista como o contra-exemplo da Virgem, como o exemplo que não se deve seguir, por representar a perversão e a desobediência. Segundo o Concílio do Vaticano de 1964: “O nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; aquilo que a virgem Eva atara com a sua incredulidade, desatou-o a Virgem Maria com a sua fé”²⁵. Assim, a Virgem funciona como a redentora do pecado de Eva, a que veio para salvar o mundo dos pecados e das tentações.

O binômio composto entre a figura da Virgem e de Eva teve suas variações ao longo da história. Em seu livro *Argumentaires de l'une et l'autre espèce de femme*, Marie-Claude Malenfant analisa alguns dos principais textos literários do renascimento e observa que através do *exemplum* a figura da boa e da má mulher coexistiam (MALENFANT, 2003). No século XXI, também poderíamos nos perguntar em que medida as místicas femininas que foram criadas ao redor da mulher são também variações desse binômio e em que medida elas modificaram, inclusive, as leituras sobre o “mito original”. Betty Friedan, ao analisar os movimentos feministas desde as sufragistas do século XIX, dá pistas de que as críticas relacionadas às mulheres sempre estavam ancoradas nesse binômio entre mulher boa e mulher má, do exemplo e do contra-exemplo. A partir da década de 1950, ela também afirma que se criou uma nova mística ao redor da mulher exemplar:

A mística feminina afirma que o valor mais alto e o compromisso único da mulher é a realização de sua feminilidade. Afirma ainda que o grande erro da cultura ocidental, no decorrer dos séculos, foi a desvalorização dessa feminilidade. Diz ainda que esta é tão misteriosa, intuitiva e próxima à criação e à origem da vida, que a ciência humana talvez jamais a compreenda. Contudo, por mais essencial e diferente que seja, de modo algum é inferior à natureza do homem; em certos aspectos pode até ser superior. O erro, diz a mística, a raiz do problema feminino no passado, é que as mulheres invejavam os homens, tentavam ser como eles, em lugar de aceitar sua própria natureza, que só pode encontrar sua realização na passividade sexual, no domínio masculino, na criação dos filhos e no



amor materno. Mas a nova imagem de que essa mística reveste a mulher é também uma velha imagem: “ocupação: dona de casa”. Transforma a esposa mãe, que jamais teve a oportunidade de ser outra coisa, em modelo para todas as mulheres; pressupõe que a história tenha atingido um final glorioso neste capítulo. Sob roupagens sofisticadas, faz de certos aspectos concretos, finitos e domésticos da vida feminina – conforme era vivida pelas mulheres cujas vidas foram confinadas, por necessidade, ao ato de cozinhar, lavar e procriar – uma religião, um padrão que todas as mulheres deviam seguir para não perder a sua feminilidade (FRIEDAN, 1971, p. 40-41)

Assim, ela conclui que esses novos mitos são, na realidade, nada mais que “novas roupagens” criadas para que as velhas ideias permaneçam. Apesar de terem sido sofisticadas, o objetivo dessas ideias é sempre o mesmo: manter o patriarcado e fazer com que a mulher não tenha ambições que fujam daquilo que lhes foi destinado. Assim, observamos que a essência desse padrão feminino e exemplar segue mais ou menos a mesma direção. Por isso, a imagem da Virgem naturalmente submissa, pura, maternal e oprimida continua tendo espaço na contemporaneidade. Esta é a grande engenhosidade do sistema patriarcal que faz com que se estabeleçam certas continuidades culturais fundamentais para garantir a sua existência.

Essas místicas femininas mostram que nossa sociedade, por mais racional que seja, está repleta de mitos, como os mitos citados acima, o mito das três raças no Brasil, o mito do “gaúcho” argentino e assim em diante. Neste sentido, Roland Barthes, em seu livro *Mitologias* (1957), realiza uma das primeiras reflexões sobre estes mitos contemporâneos, mostrando como os meios de comunicação, a escola e a sociabilidade em geral vão criando tais narrativas.

No entanto, como afirma Jean-Jacques Wunenburg, tais mitos não são rígidos e imutáveis, justamente o contrário. São narrativas (escritas, visuais e orais) que, como as metáforas, se transformam e se atualizam a cada vez que são contados e a cada vez que são utilizados em um novo contexto. Assim, as sociedades contemporâneas vão criando inúmeros e incansáveis novos mitos a partir da apropriação, da desmistificação e da remistificação dos grandes mitos (WUNENBURG, 1994). Isto seria o que o autor denomina Mitoforias.

E quais são as funções dessas narrativas? Tanto nas sociedades ditas racionais quanto em qualquer outra, os mitos são modos simbólicos de apreensão da realidade, ou seja, são construtores de sentidos. Eles geralmente possuem uma moral e uma verdade que devem ser vistos como modelos ideais, funcionando, assim, como os “exemplos” que descrevemos anteriormente. Por isso,



percebemos que existe sempre um propósito, uma hierarquia, uma ideia de união e um consenso no qual não todos saem ganhando.

Ao construir esses consensos mágicos, os mitos dominantes normalmente mascaram uma certa realidade social. Assim, tendem a expor como natural uma condição que foi, na realidade, culturalmente construída. As diferenças de gênero, por exemplo, foram pensadas a partir da incorporação desses mitos que fazem com que determinadas características culturais da mulher sejam vistas como naturais, o que nos leva a algumas afirmações do tipo: a mulher não pode cumprir funções importantes em uma empresa porque é naturalmente frágil e emotiva, entre outras...

Foi a partir de tal lógica que se criou igualmente o mito freudiano sobre a inveja que as mulheres têm do pênis masculino. Segundo Betty Friedan, Freud cometeu dois erros graves ao buscar entender a psiquê feminina: primeiro, ele considerou as características culturais das mulheres vitorianas de finais do século XIX e princípios do XX como características próprias e naturais de todas as mulheres; segundo, ao naturalizar essas características, ele entende essa inveja do pênis como algo fisiológico e ignora o contexto histórico e social no qual essas mulheres viviam. Tal contexto proibia as mulheres de aspirar a algo mais que ser dona de casa e mãe de família, o que gerou várias frustrações, doenças e angústias nas mulheres daquela época. Isto, segundo Friedan e segundo vários outros psicanalistas que vieram depois, não tem nada a ver com a falta ou a presença do pênis no corpo feminino, mas sim com as limitações sociais impostas às mulheres. O problema é que esse mito foi tão difundido que deixou, inclusive, os seus rastros no mundo contemporâneo (FRIEDAN, 1971, p. 91-110).

Ao serem naturalizados, esses mitos também podem funcionar como uma forma de violência exercida pelo opressor em relação ao oprimido, na medida em que, de uma maneira simbólica, faz com que estas formas de dominação sejam aceitas. A situação se agrava quando a resistência a esses mitos dominantes não possui uma visibilidade social, o que gera a falsa ilusão de que a sociedade está conformada a partir de consensos onde o oprimido, visto como passivo, aceita de maneira inconsciente a ideologia do opressor e, por consequência, a ordem estabelecida.

Pierre Bourdieu foi bastante criticado pelas feministas justamente por ter afirmado que a mulher aceitou (e ainda aceita) esta ideologia dominante de maneira passiva, como se a sua condição submissa tivesse sido inscrita em seu inconsciente através da violência simbólica que ela historicamente sofreu. A grande polêmica gerada ao redor deste pensamento – além de outros pontos que não valem a pena



ser citados aqui – está no fato de que, segundo Nicole-Claude Mathieu (1999), Bourdieu ignora o peso da violência física nesta relação de dominação. Para ela, a violência simbólica não é mais que uma parceira da violência física, na medida em que uma serve para justificar a outra. Ademais, em seu livro *L'anatomie politique*, escrito sete anos antes de *A dominação masculina* (1991), de Bourdieu (2014), ela afirma que é uma ilusão dizer que as mulheres aceitaram (e aceitam) de forma passiva, inconsciente e cômoda a dominação masculina. Muitas delas tinham consciência da situação e outras não, mas o que estas mulheres buscavam era viver da melhor forma possível a partir das possibilidades de ação que possuíam. Por isso, muitas vezes cediam. No entanto, como diz o próprio título de um dos capítulos do livro, “ceder não é consentir”.

Levando em consideração todas essas questões, vários coletivos feministas contemporâneos questionam a falsa laicidade estatal, as relações de poder existentes nos mitos cristãos e a influência direta das Igrejas na biopolítica. Através da ocupação dos espaços públicos, da desmistificação e da remitificação da Virgem, estes coletivos buscaram questionar o patriarcado e abrir novos caminhos para a autonomia feminina em relação a seus corpos e suas ações.

Neste artigo, analisaremos a prática de alguns coletivos que criaram suas próprias Virgens. A primeira está encarnada na imagem do *Santo Coño* ou *Santo Chumino*, apelidos dados ao clitóris na Espanha. A segunda é a Virgem que teria poderes para legalizar o aborto na Argentina, criada pelo coletivo *Mujeres Públicas*. Por fim, a terceira é a *Virgen de las Panochas*, nome dado à vagina pelos mexicanos, criada pelo coletivo feminista *Las Sucias*. Com muito humor, esses coletivos utilizaram a paródia, o riso e o escárnio como formas de reivindicação social.

Santo Coño e a campanha pela legalização do aborto na Espanha

A partir do século XXI começaram a aparecer alguns grupos feministas na Espanha que organizam, além de outras atividades, algumas procissões onde se venera o clitóris. Dentre eles poderíamos citar: *Santo Chumino Rebelde* (Málaga); *Anarcofradía del Santísimo Coño Insumiso y el Santo Entierro de los Derechos Sociolaborales* (Sevilha); *Cofradía del Santísimo Coño de Todos los Orgasmos* (Madrid). Com muito humor e criatividade, essas procissões saíram às ruas carregando, com a ajuda de um ataúde, uma Virgem em forma de vagina. As participantes dessas manifestações normalmente se vestem com o hábito comum às confrarias



européias: uma túnica larga e um capuz que tapa o rosto. As orações que realizam são das mais diversas. Porém, todas elas insistem na defesa da lei pela legalização do aborto, na libertação do corpo em relação à religião e na luta por um estado verdadeiramente laico.

Vale lembrar que as leis que regularizam o aborto na Espanha são alvos de grandes polêmicas desde 1983, quando o parlamento se propôs pela primeira vez a discutir essa questão. Em 1985, entrou em vigor a lei que permite o aborto em casos de estupro, de risco à saúde da mulher e de má-formação do feto. No entanto, foi somente em 2010 que a interrupção voluntária da gravidez entrou em vigor. Isto fez com que Igrejas e organizações religiosas realizassem vários protestos, o que levou o ministro da justiça da época, Alberto Ruiz-Gallardón, a elaborar em 2013 um projeto de lei todavia mais restritivo que o projeto aprovado em 1985. Aqui, o aborto só seria permitido em caso de estupro e risco à vida da gestante. Graças às inúmeras mobilizações ocorridas, o projeto foi retirado e em seu lugar foi aprovado, em 2015⁶, um outro que mantém as diretrizes principais do projeto de 2010 (*El fracaso de Gallardón con la reforma del aborto termina con 30 años de carrera política*, 2014).

Foi principalmente entre 2010 e 2015 que essas procissões em homenagem ao clitóris saíram às ruas. Foram procissões organizadas de tal maneira que os laços entre procissão religiosa e manifestação política se tornaram evidentes: as duas são realizadas em espaços públicos, normalmente os participantes percorrem um caminho enquanto entoam orações ou gritos de guerra através dos quais milagres ou direitos políticos são reivindicados.

Santo Chumino Rebelde, em frente à Catedral de Málaga, em 2013, saiu aos gritos de “Santa Clitoriana de las feministas”, “Vamos a quemar la Conferencia Episcopal”, “El Papa no nos deja comernos las almejas”, ou então “Bentida tu eres entre todas nuestras partes y bendito es el fruto de tu sexo. Santa Vagina, madre de todas, ruega por nosotras, liberadas, ahora, y a la hora de nuestros orgasmos, hímen”⁷. (Figs. 01 e 02)

La Cofradía del Santísimo Coño de todos los Orgasmos, por sua vez, saiu às ruas em Madrid, no bairro de *Lavapiés*, no dia 12 de abril de 2014⁸, para “celebrar” a Semana Santa. Percorreram um caminho em forma de vagina e pararam em diversos pontos para orar, cantar e louvar o *Santo Coño*. Os “confrades” deixaram claro, na ocasião, o estreito laço entre os interesses católicos e o projeto de lei de 2013. No mais, também louvaram a sexualidade, o direito ao aborto e o feminismo.





Fig. 01. Santísimo Coño de Todos los Orgasmos.
Abaixo está escrito: No soy santa, pero hago milagros.
Fonte: <http://www.tiffotos.com/procesion-mujeres/index.html>



Fig.02. Procissão Santísimo Coño Insumiso. Fonte: <http://www.andalucesdiario.es/ciudadanxs/imputadas-las-tres-feministas-que-sacaron-en-procesion-el-santisimo-cono-insumiso/>



Por fim, a *Anarcofradía del Santísimo Coño Insumiso y el Santo Entierro de los Derechos Sociolaborales* organizou, junto com a CGT (*Confederación General del Trabajo*) espanhola, uma procissão em 2014 com o objetivo de protestar pelas mesmas pautas reivindicadas pelas outras confrarias e, além disto, também contra o recorte nos direitos trabalhistas.

Apesar de esses movimentos terem sido fundamentais para a retirada do projeto de lei do então ministro da justiça, participantes dessas procissões continuam sendo perseguidos pela justiça e por associações religiosas. Por exemplo, a Associação dos Advogados Cristãos em Sevilha processou membros da CGT e da *Anarcofradía del Santísimo Coño* por terem participado das manifestações, enquanto em Málaga essa mesma associação levou à justiça a militante Elisa Mandillo, por ser considerada uma das organizadoras do protesto. Todos respondem por um delito contra os sentimentos religiosos, por incitar a discriminação e por ódio e violência contra os cristãos. Como afirma Jean Boulège (2010), é interessante observar como nesses casos a Igreja, através de agrupações religiosas, aplica um discurso vitimista e se apoia nos direitos humanos para defender os seus interesses políticos e sociais.

Oração pelo direito ao aborto de *Mujeres Públicas*

Em 2004, o coletivo de artistas feministas *Mujeres Públicas* elabora este santinho. O princípio de fabricação e distribuição é o mesmo dos santinhos religiosos: com a imagem de um santo na frente e uma oração no verso. Eles foram distribuídos nas ruas, escolas e igrejas no mesmo ano em que foi fabricado (Fig. 03).

Os santinhos começaram a ser bastante utilizados no século XVII, logo após a Contrarreforma, com o objetivo de difundir e popularizar a imagem de um determinado santo e os “poderes” que a ele eram associados. A difusão dessas imagens era usada como um método para ganhar adeptos e, por isso, era fundamental no processo de beatificação e canonização de alguma figura religiosa (GARCIA, 2005, p. 55 e 141 *apud* MENEDEZ, 2012, p. 29-30). No entanto, como observa Hans Belting (2007, p. 84), muitas vezes essas imagens transcendiam o seu caráter material, uma vez que eram entendidas não como “substitutos”, mas como a presença real dos santos que eram representados. Assim, serviam como se fossem relíquias ou amuletos que possuíam determinados poderes transcendentais.



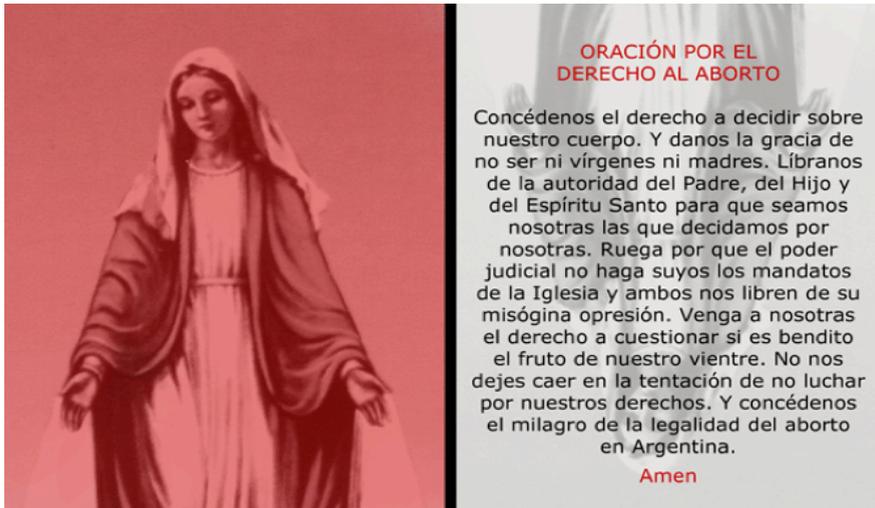


Fig. 03. Mujeres Públicas, Oración por el derecho al aborto, 2004.
Fonte: www.mujezpublicas.com.ar

Hoje em dia, tais santinhos possuem praticamente as mesmas funções daqueles que eram distribuídos nos séculos anteriores⁹. Ou seja, continuam sendo distribuídos em vias públicas como propaganda e sendo utilizados como amuletos mágicos para aqueles que acreditam. O coletivo *Mujeres Públicas*, com o seu santinho *Oración por el derecho al aborto*, utiliza-se então de um dispositivo religioso comum para divulgar uma mensagem totalmente oposta às convicções cristãs. O retrato da Nossa Senhora dos Milagres, que aparece na parte frontal, tem a função de chamar a atenção do público para o texto que vem em seguida. No entanto, texto e imagem são incompatíveis e a união dos dois é o que gera o choque e a surpresa dos transeuntes.

No verso também se encontra outra imagem da Santa, mas de cabeça para baixo. Em alguns países se costuma colocar o Santo Antônio de cabeça para baixo até que ele faça o milagre que lhe foi encomendado. No entanto, não encontramos nenhum relato de costumes semelhantes em relação à Virgem, o que nos faz concluir que *Mujeres Públicas*, ao representar a Virgem dessa forma, tem o objetivo de inverter as suas funções e subverter a sua reputação. Aqui, através da oração, ela é invocada para atender as principais reivindicações feministas: o direito ao aborto, o direito de decidir sobre os seus próprios corpos, o fim do patriarcado e um Estado verdadeiramente laico. Em um texto de 2012, Cláudia Mandel Katz analisa separadamente cada uma das frases contidas na oração e as relaciona com a luta feminista que vem se realizando desde, principalmente, a metade do século



XX. Assim, esta “historicização” e contextualização das lutas nos faz concluir que as reivindicações feministas de hoje continuam praticamente as mesmas dos anos 1970. A Igreja, nesse caso, é uma das principais responsáveis por essa continuidade. A ideia do santinho é justamente romper com essas permanências. Para isso, a santa precisaria nos conceder o milagre da legalização do aborto.

Virgen de las Panochas, do coletivo Las Sucias

Em 2010 surgem as primeiras aparições da *Virgen de las Panochas* (Virgem das Vaginas) no México (Fig. 04). As artistas pedem para que enviem ao blog do coletivo depoimentos de pessoas que viram a Virgem, que puderam falar com ela e passaram a cultuá-la. Ademais, com base em alguns relatos, elas lançaram o vídeo *Las bondades de lo visible* (2011), no qual algumas mulheres vão narrando suas experiências e contando como a Virgem mudou suas vidas. Com muito humor e perspicácia, os depoimentos provam então a existência da *Virgen de las Panochas* ao usar mais ou menos a mesma lógica argumentativa que é usada em relatos de pessoas que presenciaram a aparição de outras Virgens, como a Virgem de Fátima e a Virgem de Lourdes: normalmente são encontros inesperados, em um lugar qualquer e de preferência na natureza, mas antes, alguns sinais foram dados de que ele aconteceria.

Nesse caso, as mulheres que se encontraram com a *Virgen de las Panochas* afirmam que, desde então, suas vidas voltaram a ter sentido e elas passaram a usufruir livremente de seus corpos (Fig. 05).

Segundo o blog, a Virgem pode aparecer em diferentes suportes, como no tronco de uma árvore, em uma pedra, no formato de uma flor, de um pão, de um pimentão etc. Tendo em vista as inúmeras provas de sua existência, o coletivo empreendeu algumas campanhas a seu favor. Por exemplo, em setembro de 2011 elas convocaram todas as mulheres atrevidas do mundo a doar seus pelos pubianos para que com eles fosse tecido um manto para a Virgem. Em 2012, o coletivo sai em “procissão” na Cidade do México, com a imagem da Virgem, em meio a uma manifestação contra a prisão dos membros da banda punk *Pussy Riot* (PENNA, 2013, p. 288-289)¹⁰.

Conclusão

A arte feminista, desde sua origem, preocupou-se em subverter os mitos



do que seria o Feminino. Por isso, muitas artistas trabalharam com o tema da domesticidade, da religião e da violência em relação às mulheres. Estas obras buscaram a todo momento jogar com o limite do discurso, da moral e do permitido, inventando, assim, novas categorias do possível. Para isso, elas se apropriaram dos mitos, desmistificando-os e remitificando-os ao mesmo tempo.

Se apareció!!

LA VIRGEN DE LAS PANOCHAS

Domingo 21 de marzo del 2010

5:40 pm.

Día de la primavera, una semana antes del domingo de ramos



Entre galletas, guayabas y tes, apareció en la pantalla de la computadora, al modificar la imagen de una papaya, la gozosa imagen de la *Virgen de las Panochas*.

Las bolsas de pan que utilizábamos para un proyecto, tenían el número 6... presagiando que cerca de esa hora de la tarde, sería nuestro primer encuentro con la santísima virgen de las panochas, hermosa papaya, gorda como lo bonito.

En el éxtasis que nos produjo tal encuentro, escuchamos la frase que salía de sus labios "CONVIÉRTETE, Y CREE EN EL FEMINISMO"

Todo ha cobrado sentido...

ATTE: LAS SUCIAS... PRESENTES ANDANDO Y ENSUCIANDO

Fig.04. Imagem retirada do site do coletivo Las Sucias. Fonte: <http://lassuciasomos.blogspot.com.ar/search/label/VIRGEN%20DE%20LAS%20PANOCHAS>

SANTA PANOCHA!!!

"DESDE TIERRAS GUATEMALTECAS" nos ha llegado una oración a la "virgen de las panochas", ¡pero kuantaa deboción!!! Y ke dedicación!!! Seguramente es resultado de un trance gozosoOOO!!!



"Panocha nuestra que estas en la tierra, tú bendita que vives en el cuerpo de todas las mujeres, gozamos en tu nombre con el bendito fruto del orgasmo.

Dejame entrar en el gozo y aleja de mí los prejuicios que me han enseñado sobre la tentación. Que con el disfrute de los jugos, los clitoris multiformes y los pliegues misteriosos logre la libertad de mi cuerpo y mi mente y nazca de mí, la felicidad de liberarme de la moral del padre.

Oh, santísima virgen de las panochas que con tu infinito placer, todas las mujeres encontremos el verdadero gozo en la noche y en el día."

Fig. 05. Imagem retirada do site do coletivo Las Sucias. Fonte: <http://lassuciasomos.blogspot.com.ar/search/label/VIRGEN%20DE%20LAS%20PANOCHAS>



Como observamos, para realizar esta remitificação, os coletivos acima citados utilizaram como dispositivo a paródia e o riso subversivo. Essa tática também foi bastante utilizada na ofensiva antirreligiosa do século XIX. Sobre este assunto, Georges Minois afirma que alvos não faltavam:

Os padres, os relatos bíblicos, os mistérios da fé, o culto e até o próprio Deus, “o velho lá do alto”, ‘o velho prefeito das nuvens’, crivado de gargalhadas. É verdade que a Igreja do século XIX, por recusar qualquer compromisso com o mundo moderno, fornece munição a seus adversários. A manutenção da crença na verdade literal da Bíblia, de Adão e Eva à Arca de Noé, de Matusalém à baleia de Jonas; o apego supersticioso a detalhes ridículos, gravemente discutidos como pontos essenciais da fé pela congregação dos ritos; a atitude covarde diante da menor inovação técnica; a persistência de crenças populares nos milagres, nas aparições e nas relíquias; as excentricidades de certos eclesiásticos sujeitos a obsessões, como o cura de Ars e seus diabos; o refinamento da casuística, da moral, do ensinamento sobre o inferno e de certas crenças gratuitas, tais como indulgências, tarifadas como contas de boticário; e outros tantos temas de derisão generosamente oferecidos aos anticlericais e aos antirreligiosos, que não se privam de explorá-los. (MINOIS, 2003, p. 505)

Hoje em dia, a situação não parece ser tão diferente, pois a recusa da Igreja Católica em lidar com a realidade social ainda é o que fornece elementos aos seus adversários. Por exemplo, o fato de ela ainda restringir o uso de contraceptivos fez com que aparecessem milhares de charges do papa com uma camisinha no nariz e na cabeça, do papamóvel em formato de camisinha etc. Ou então, o fato de a Igreja ainda tratar o problema da pedofilia de uma maneira bastante superficial e displicente – apesar de podermos observar um avanço em relação a isso a partir do século XX, o que fez com que inúmeros artistas se ocupassem do tema de maneira irônica e subversiva.

A partir do surgimento dos movimentos feministas da segunda metade do século XX, a imagem da Virgem também passou a ser alvo de burlas e chacotas. A virgindade, a castidade e a submissão são práticas que não deveriam ter lugar hoje em dia. No entanto, a Igreja continua sustentando esse modelo de mulher. Então, cabe às feministas ridicularizar e profanar esse tipo de imagem, como vemos através da apropriação e ressignificação que os mencionados coletivos fizeram de práticas, crenças e costumes religiosos. O humor é uma consequência desse processo, pois aqui observamos a presença de um riso libertador, um riso que transborda quando a liberdade de espírito faz “uma brusca intervenção que desarranja o conveniente, abala a ordem e introduz um puro jogo no que parecia ser seriedade permanente” (PENJON *apud* MINOIS, 2003, p. 504).



¹ Esse projeto pode ser consultado no site http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_most_rarintegra;jsessionid=E419A148F9F5D3A61A8DB737F3F054AD.proposicoesWeb2?codteor=1472180&filename=Avulso+-PL+5617/2016. Última consulta: 30/07/2015

² Esse projeto de lei pode ser consultado no site <https://www12.senado.leg.br/cidadania/visualizacaomateria?id=125666>. Última consulta: 30/07/2015.

³ Projeto de lei disponível em: https://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1381435&filename=Tramitacao-PL+5069/2013. Última consulta: 30/07/2015

⁴ Uns mais e outros menos, a maioria dos governos ocidentais e cristãos financiam de alguma forma a Igreja Católica ou as protestantes por meio de isenção de impostos, da manutenção do patrimônio eclesiástico, de impostos destinados às Igrejas etc. Ver <http://www.20minutos.es/noticia/1701715/0/financiacion/religiones/europa/>. Última consulta: 30/07/2015.

⁵ Esse trecho está presente em *Lumen Gentium*, uma das quatro constituições conciliares promulgadas pelo Concílio do Vaticano II em 1964, e foi citado em (Estébanez, 2008, p. 70).

⁶ Algumas explicações sobre a nova lei do aborto podem ser encontradas em <http://para-abortar.es/aborto/ley-actual-del-aborto-espana/>

⁷ Uma parte da manifestação pode ser vista em <https://www.youtube.com/watch?v=Qb3PIUbGPYc>

⁸ Uma parte da manifestação pode ser vista em <https://www.youtube.com/watch?v=QsZnXOBcw2k>

⁹ Roberto Menendez mostra, em sua dissertação de mestrado, como os santinhos com a imagem de Santo Expedito foram importantes para a “reanonização” popular desse santo no Brasil e, posteriormente, para sua difusão no território argentino (Lopez Menedez, 2012).

¹⁰ Segundo Julia Antivilo Peña, “se realizó una marcha hacia la embajada de Rusia en México, DF. La Virgen de las Panochas formó parte destacada en la procesión política carnavalesca que protestó (antes que dieran la ingrata sentencia de dos años de presidio) contra el encarcelamiento de parte del grupo musical que irrumpió en el altar de la Catedral de Cristo Redentor de Moscú con una de sus canciones que pide a la Virgen María que se haga feminista y que saque a Putin del poder. En la manifestación convocada por grupos feministas mexicanos se reivindicó y se dio gracias que la Virgen de las Panochas sea feminista.” (Antivilo Peña, 2013, p. 288–89). Parte da manifestação pode ser vista no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=1neuUQgdhSw>. Última consulta: 30/07/2016



Referências

ANTIVILO PEÑA, Julia. *Arte feminista latinoamericano. Rupturas de un arte político en la producción visual*. (Tese de doutorado) - Santiago: Universidad de Chile. Facultad de Filosofía y Humanidades, 2013.

BADER, Veit-Michael. *Secularism or Democracy?: Associational Governance of Religious Diversity*. 1 vols. IMISCOE Research. Amsterdam: Amsterdam university press, 2009.

BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

BEAUVOIR, Simone. *Cuando predomina lo espiritual*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1980.

BELTING, Hans. *Antropología de la imagen*. Madrid: Katz Editores, 2007.

BOULÈGE, Jean. *Le blasphème en procès, 1984-2009: l'Église et la Mosquée contre les libertés*. 1 vols. Paris: Nova éd, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2014.

El fracaso de Gallardón con la reforma del aborto termina con 30 años de carrera política. 23 setembro 2014.

FRIEDAN, Betty. *Mística Feminina*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1971.

IRIGARAY, Luce. *SPECULUM. De l'autre femme*. Les éditions De Minuit. Paris: Editions de Minuit, 1974.

LOPEZ MENENDEZ, Roberto. *San Expedito, de la imagen al culto. La estampita y la reconstrucción del culto en el imaginario argentino del siglo XXI*. (Dissertação de mestrado) - Buenos Aires: UNSAM, 2012.

MALENFANT, Marie-Claude. *Argumentaires de l'une et l'autre espèce de femme. Le statut de l'exemplum dans les discours littéraires sur la femme (1500-1550)*. Québec: Les Presses de l'Université de Laval, 2003.

MANDEL KATZ, Claudia. *El borde entre la vida y la muerte: Mujeres Públicas Estampita (2004)*. Disponível em: <http://esquimalenator.scoom.com/?p=1577>. Acesso em: 2012.



MATHIEU, Nicole-Claude. *Bourdieu ou le pouvoir auto-hypnotique de la domination masculine 604* (Les Temps Modernes): 1999, 286–324.

MIKLOS, Aline. *O interdito, a transgressão religiosa e a desobediência do corpo feminino na arte contemporânea e latino-americana*. *Artelogie*, no 6 (Jun). Disponível em: <http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article324>. Acesso em: 2014.

MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

Ñoquis son los curas. Disponível em: <http://www.diariolaposta.com/2016/02/02/despidosmasivos-noquis-son-los-curas>. Acesso em: 2 fevereiro 2016.

PEW RESEARCH CENTER. *The Future of World Religions: Population Growth Projections, 2010-2050*. Disponível em: www.pewforum.org. Acesso em: 2015

QUILES GARCIA, Fernando. QUILES GARCIA, Fernando (2005). *Por los caminos de Roma- Hacia una configuración de la imagen sacra en el barroco sevillano, Buenos Aires, Miño y Dávila*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2005.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Mytho-phorie: formes et transformations du mythe*. *Religiologiques*. no 10, automne 1994, pp. 49-70.

